

Reorganizando o passado: Andrés Bello e o Iluminismo na América Latina

Amy Caldwell de Farias*

Resumo – Neste ensaio pretendemos analisar as propostas de Andrés Bello para melhor entender a natureza fragmentária da independência na América Latina. De particular interesse para nós será o delineamento da função preponderante que a história e a literatura ocupam nos vários discursos na formação de uma identidade americana. Além disso, tentaremos desvendar o escondido componente ideológico do projeto de Andrés Bello.

Abstract – The aim of this essay is to provide a coherent analysis of the intellectual goals of Andrés Bello, in an attempt to comprehend the fragmentary nature of Latin America's independence. My main objective will be to examine the role of history and literature in the fabrication of an American identity. In addition, I will attempt to unveil the hidden ideological component of Andrés Bello's project.

Palavras-chave – Andrés Bello – Ideologia – América Latina.

Key words – Andrés Bello – Ideology – Latin America.

Introdução

A emancipação das colônias norte-americanas encheu o coração de muitos intelectuais – tanto na Europa quanto nas Américas – de um renovado ânimo. Nesse sentido, instalou-se um precedente histórico de luta política que teve como base a consonância entre as idéias ilu-

* Professora-visitante da Universidade Federal de Alagoas.

ministas e a ação libertadora.¹ Enquanto os americanos lutavam para defender e implantar as idéias que tinham apreendido dos enciclopedistas, estes, segundo Robespierre, revelavam uma certa apatia e até uma resistência à propagação e ao uso pragmático de suas próprias doutrinas.² O deslocamento das idéias de um continente para o outro resultou em um revigoramento das mesmas a ponto de estas adquirirem uma eficácia que no Velho Mundo era pouco comum. Os americanos, tocados pelas luzes européias, lideraram o desbravamento dos entraves que obstruíram o caminho do progresso no Novo Mundo. Mas enquanto o movimento anticolonialista na América setentrional se espalhou e deu início a um florescimento sociocultural, a liberdade nas Américas abaixo do Equador se restringiu à esfera política. Restava ainda o árduo trabalho de continuar a revolução para que seu efeito emancipador penetrasse nas profundezas do ser americano,³ revelando, desta forma, a sua essência.

Neste pequeno ensaio pretendemos analisar as propostas do poeta e intelectual venezuelano Andrés Bello para melhor entender a natureza fragmentária da independência na América Latina. O nosso objeto de estudo será composto de artigos, comentários e de um poema épico publicados em uma coleção organizada pelo próprio autor e por seu contemporâneo Juan García del Río. Estas coletâneas, intituladas a *Biblioteca Americana* (1823) e *El Repertorio Americano* (1826-1827), publicadas em Londres e avidamente lidas – na Europa e nas Américas – fornecem ao pesquisador um lugar privilegiado para reencontrar o drama vivido pelos seus atores em sua busca de si mesmos. De particular interesse para nós será o delineamento da função preponderante que a história e a literatura ocupam nos vários discursos na formação de uma identidade americana, dando, desta forma, início a um iluminismo americano, completando e fortalecendo, assim, o círculo revolucionário.

¹ Veja GAY, Peter. O iluminismo. In: WOODWARD, Vann C. (org.). *Ensaios comparativos sobre a história americana*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 46-57.

² BODEI, Remo. *Geometría de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad: filosofía y uso político*. Trad. Isidro Rosas. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 467-468.

³ Doravante usaremos a expressão “americano” para nos referir ao que hoje se conhece como Latino-Americano, termo que somente sugeriu a partir de 1851.

Nossa metodologia consistirá em adotar o olhar do *outro*⁴ na periferia, e não o do europeu, no centro, para tentar desvendar o cerne ideológico do projeto de fundar as artes e ciências no Novo Mundo.⁵ Muitos pesquisadores têm descrito o impacto do iluminismo europeu enfatizando as respostas que certos pensadores elaboraram, criticando-as por sua falta de originalidade e por sua natureza postiça. As assunções metodológicas destes trabalhos têm sido baseadas na análise das distorções e/ou manipulações das idéias no Novo Mundo (entendemos que as idéias dos pensadores americanos, a respeito do iluminismo, são um tipo de resposta aos europeus). Nosso propósito, no entanto, é o de desembaraçar os textos do seu excesso retórico – característica que dificulta a sua interpretação – averiguando não apenas o objeto (o iluminismo europeu) mas a maneira como Andrés Bello o meditava, o seu processo de questionamento, mais do que as suas possíveis respostas. Em outras palavras, gostaríamos de inicialmente delinear a maneira pela qual ele colocou o problema – não as soluções – isto é, a problemática de sua ideologia singular (significando aqui o pensamento de uma pessoa). Para realizar esta inversão metodológica apoiaremos o nosso trabalho nas sugestões de alguns teóricos pós-marxistas, especialmente nas de Louis Althusser, Terry Eagleton e Slavoj Žižek, mais especificamente aquelas noções que se referem à função sociológica da ideologia e de seu papel na formação de uma identidade e memória históricas.

Além disso, nosso trabalho pretende questionar a lógica das fronteiras, a nosso ver artificialmente erguidas, entre a história e a literatura e demonstrar como a natureza lacunar e indireta da história pode ser remediada – pelo menos parcialmente – pela justaposição das esferas literária e histórica para entender melhor a interação da estrutura mental com a social na criação e legitimação de uma cultura nacional. A análise literária da história (ou a análise histórica da literatura) se justifica, também, pelo fato de que na América Latina os discursos político e literário sempre estiveram entrelaçados no projeto da cons-

⁴ Para mais informações sobre esta idéia do *outro*, veja: TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2. ed. Trad. Beatriz Perrone. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

⁵ Ver: Biblioteca Americana: o miscelanea de literatura, artes y ciencias (Londres, 1823).

trução de um Estado nacional durante a primeira metade do século XIX.⁶

Finalmente, pretendemos argumentar que Andrés Bello realizou o seu projeto apenas parcialmente, não porque não tenha percebido a contradição entre a forma (o neoclássico europeu) e o conteúdo (um “americanismo militante”), ou seja, porque não tenha conseguido se livrar dos modelos dominantes europeus,⁷ mas porque tentou forçar uma solução teórica para um problema que só se resolveria historicamente. E é neste sentido que seus discursos e, especialmente, os seus poemas americanos, são anacrônicos. Anacrônicos não pela linguagem ou pelos modelos que adota, mas porque a América e os americanos que invoca não existem no momento em que está escrevendo: os de Andrés Bello são imaginários, no sentido althusseriano (feito de imagens). Neste momento particular, a realidade é inalcançável, como tentaremos mostrar no decorrer deste ensaio, visto que a ideologia dominante, o internacionalismo, deturpou e acabou deslocando para um plano inferior o americanismo que Andrés Bello tão admiravelmente ambicionava defender.

Passando ao exame das duas coletâneas (a *Biblioteca Americana* e *El Repertorio Americano*) observamos que estas detêm um tema nuclear: a preocupação com os meios mais adequados e rápidos de “trazer as luzes” para o Novo Mundo. Através de uma análise cuidadosa dos dois poemas “Alocución a la poesía” e “Silvas americanas” publicados pela primeira vez nestas antologias, pretendemos expor o conteúdo latente destes textos que rivalizam com o seu conteúdo manifesto. Acreditamos que somente é possível extrair o sentido por intermédio de uma sobreposição, tanto do interior quanto do exterior dos poemas cotejados.

⁶ Veja PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. Volume 2: Emancipação do discurso. São Paulo: UNICAMP, 1994, p. 24. Tomo 1: Edición de la Presidencia de la Republica: Caracas, 1972, e *El Repertorio Americano* (Londres, 1826-1827). Edición de la Presidencia da Republica: Caracas, 1973.

⁷ Veja PIZARRO, Ana. De ostras y canibales: reflexiones sobre la cultura latinoamericana. Santiago: Universidad de Santiago, 1994, p. 142-149.

O iluminismo e o Novo Mundo

Andrés Bello e seus colegas estavam deslumbrados com as luzes da Europa e, conseqüentemente, envergonhados com o atraso e a barbárie nos seus países americanos. Sentia-se um patriota e é por causa do amor à sua terra que, juntamente com Juan García del Río, criou os referidos periódicos com o intuito de trazer “as luzes” para o Novo Mundo para poder, assim, “completar o trabalho da civilização”,⁸ começado pelos nobres antepassados (os Maias, Incas e Aztecas) e brutalmente interrompido com a chegada dos espanhóis. Mas como podia seguir o longo caminho em direção ao progresso sem perder muito tempo? Teria que dar um passo gigantesco para conseguir alcançar a Europa.⁹ Mas de que modo? Tomando de empréstimo a erudição européia. Naquele momento, este empréstimo deveria ser considerado um expediente não apenas necessário mas, deveria ter também um caráter temporário. Num futuro próximo, quando governos moderados e instituições sociais inteligentes e livres fossem estabelecidos no Novo Mundo, os americanos devolveriam à Europa – com juros – a sua sabedoria. Ou, como quis Andrés Bello: “[...] que civilizado el pueblo americano por las letras i las ciencias [...] recorra a pasos gigantescos el vasto camino abierto al traves de las edades por los pueblos que le han precedido [...] [e] vuelva com usura a la Europa el caudal de luzes que hoi le pide prestado [...]”.¹⁰

Dessa forma, o ato de pedir emprestado era consciente e deliberado, como a citação acima claramente deixa entrever. Para Andrés Bello não havia – ainda – nenhuma contradição (conscientemente elaborada) entre o seu projeto de editar um periódico “eminente americano” em sua forma e de pedir emprestado da Europa o conteúdo (aliás até a organização da *Biblioteca Americana* e *El Repertorio Americano* parece se adaptar à *Revue Encyclopédique* do Instituto de França).¹¹ Era quase como se fosse uma transação comercial (voltaremos a esta idéia mais tarde).

⁸ Veja o periódico *El Repertorio Americano*. (Londres 1826-1827). Tomo 1. Edição da Presidência da República, Caracas, 1973, p. 4-5. E *Biblioteca Americana*, Tomo 1, p. vii, 62.

⁹ *El Repertorio Americano*, Tomo 1, p. 5; *Biblioteca Americana*, Tomo 1, p. viii.

¹⁰ *Biblioteca Americana*, Tomo 1, p. viii.

¹¹ *Biblioteca Americana*, tomo 2, p.12-17.

Cada tomo da *Biblioteca Americana* está dividido em três seções: 1) humanidades e artes liberais; 2) ciências matemáticas e físicas; e 3) ideologia, moral e história. Os artigos da segunda parte são, quase exclusivamente, traduções de ensaios já publicados na Europa. O critério de sua inclusão é, segundo o prospecto, qualquer assunto que tenha utilidade para as necessidades do “homem civilizado”.¹² Assim, aparecem tópicos como o magnetismo terrestre, as notícias sobre uma máquina de fazer pão, as Cordilheiras do Himalaia, a avestruz americana, a descoberta de uma nova bússola, uma viagem pitoresca à Grécia e outros. A primeira seção é, também, composta, em grande parte, de traduções de autores europeus, com os devidos comentários e explicações dos editores para os seus leitores americanos. Tem-se, assim, ensaios sobre a obra de Sismondi, a Sociedade Parisiense de Ensino Elementar, *A República* de Cícero, a morte de Sócrates, e outros. Além desse material há ainda artigos originais de Andrés Bello sobre a simplificação da ortografia nas Américas, os seus poemas inéditos (“Alocución a la poesía”, “Silva americana” e “La agricultura de la zona tórrida”), dois textos de crítica literária a respeito do poema de J. J. Olmedo (“Canto a Bolívar”) e dois poemas de J. M. Heredia, ambos americanos.

Todavia, é a terceira parte (ideologia, moral e história) que é considerada a mais importante sendo, portanto, a seção mais longa. Andrés Bello nos explica: “Por medio de ensayos originales, i de documentos históricos, nos proponemos ilustrar algunos de los hechos mas interesantes de nuestra revolucion, desconocida en gran parte al mundo, i aun a los americanos mismos.”¹³

El Repertorio Americano segue a mesma organização com uma única exceção: possui características mais americanas. Visando atingir este objetivo, o autor reduz a segunda seção de ciências, “limitandola a puntos de una aplicacion mas directa e inmediata a la America [...]”.¹⁴ E também: “En las otras secciones de Humanidades i Ciencias intelectuales i morales, es tambien nuestro ánimo descartar todo aquello que no nos parezca estar en porporcion com el estado actual de la cultura americana.”¹⁵

¹² *Biblioteca Americana*, tomo I, p. vi.

¹³ *Ibid.*, p. vii.

¹⁴ *El Repertorio Americano*, tomo 1, p. 3.

¹⁵ *Ibid.*, p. 3.

Voltemos ao problema do atraso intelectual nas Américas. Um atraso tão alarmante que, segundo Andrés Bello, somente cinco em cem pessoas conheciam bem a gramática castelhana e, pior, apenas uma em cada cem sabia escrever corretamente.¹⁶ Não havia nenhum hábito de reflexão profunda porque a Espanha considerava a educação dos colonizados um empreendimento perigoso e, conseqüentemente, negou aos americanos acesso à educação, perseguindo os que a procuravam. Em suma, a Espanha não somente isolou o Novo Mundo da Europa, mas impediu que o americano se auto-conhecesse.¹⁷ Daí o problema: o habitante do Novo Mundo era ignorante a ponto de não conhecer-se a si próprio. A resposta ao problema, como já vimos, era de algum modo encurtar o caminho que a Europa seguiu em direção ao progresso (pois o americano não podia esperar séculos, como a Europa tinha feito para sair das trevas) tirando proveito, temporariamente, e usando a acumulação de seus conhecimentos. *A Biblioteca Americana* e *El Repertorio Americano* foram, deste modo, produtos deste real problema histórico.

Porém, como já indicamos, talvez seja mais instrutivo examinar as “questões” postas pelo autor mais do que procurar possíveis soluções ideológicas; indagar, por exemplo, o modo pelo qual Bello tenta refletir sobre os objetos; investigar a unidade profundo do texto, e buscando entender a sua “problemática” no sentido althusseriano. Althusser dá um encaminhamento novo ao conceito de “problemática”. Para o filósofo, a problemática consiste “na essência interior de uma ideologia singular”; ou na unidade de um pensamento ideológico determinado (que diretamente se dá como um todo, e que é “vivido” explicitamente ou implicitamente como um todo, ou uma intenção de “totalização”).¹⁸ É, por conseguinte, essa “essência interior”, o seja, o núcleo da problemática, o que julgamos relevante desvendar nos textos de Andrés Bello.

Achamos que a questão central que engloba todos os problemas (educar o povo, criar um iluminismo americano, fundar Estados nacionais estáveis e instituições sociais livres e racionais, etc.) está cen-

¹⁶ *Biblioteca Americana*, tomo 1, p. 50.

¹⁷ *Ibid.*, p. v. e *El Repertorio Americano*, tomo 1, p. 231. *Ibid.*, p. v e *El Repertorio Americano*.

¹⁸ ALTHUSSER, Louis. *Análise crítica da teoria marxista*. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967, p. 55.

trado em um único problema: a ausência de uma identidade histórica americana capaz de revelar ao americano quem ele era. E é por esta razão que a história deve ocupar um lugar predominante na tentativa de traçar os contornos de seu retrato.

Uma história americana

Como já vimos, a história ocupa um lugar de destaque nos dois periódicos. Os artigos de história em *A Biblioteca Americana* incluem estudos sobre a Carta de Colombo (o herói de Andrés Bello), as Leis das Índias, o sistema colonial espanhol, a influência das mulheres na sociedade americana, as prisões na Europa e no Novo Mundo e, finalmente, as duas batalhas – em La Paz e Cartagena – na guerra da independência. Em *El Repertorio Americano* há um artigo sobre Las Casas, uma história da instrução pública na América durante a época colonial e atual, uma resenha do livro do Padre franciscano Sahagún, uma história da revolução na Colômbia, uma história do Chile durante o governo de Osorio (durante a época da independência) e traduções de duas obras importantes do naturalista alemão Humboldt: sua *História de Cuba* e um texto com dados a respeito da população, raça, culto e língua na América. Também neste segundo periódico há a inclusão de alguns documentos históricos: por exemplo, a mensagem do presidente da República Centro-americana (1826), a disciplina eclesiástica no Chile (1825), um ditame apresentado ao Congresso de Buenos Aires (1826), etc. Os documentos estão incluídos sem nenhuma explicação prévia e sem nenhum critério aparente.

O que podemos deduzir, de antemão, olhando brevemente para este índice de títulos? A primeira coisa que deve vir à mente é o fato de que há uma lacuna: a história dos séculos XVII e XVIII quase não se faz presente. Como poderíamos interpretar esta não-presença? Como uma rejeição da história ibero-americana? Ou de um total desconhecimento dela?

Acreditamos que a resposta não estaria em nenhuma destas opções. Trata-se, a nosso ver, de uma tentativa de organizar a história, de vivê-la “ideologicamente”. Que significaria, no entanto, esse “viver ideologicamente”? “A ideologia”, segundo Louis Althusser, “representa a relação imaginária [no sentido de feito de imagens] dos indi-

víduos com suas condições reais de existência.”¹⁹ Esta relação vivenciada que o sujeito estabelece com o seu mundo, devido ao trabalho da ideologia que nos “interpela”, tem uma função social e não epistemológica. A ideologia não produz conhecimentos, ela constitui sujeitos sociais e, depois os ajusta e/ou transforma, permitindo que os indivíduos se encaixem na sociedade.²⁰ A ideologia é, desta forma, um processo social que inclui todo mundo e ao qual todo mundo é vítima. O trabalho da ideologia é silencioso e, na maioria das vezes, inconsciente. Ou seja, “[...] os homens vivem as suas ações [...] na ideologia, *através e pela ideologia*; em suma, a relação ‘vívida’ dos homens com o mundo, inclusive a História (na ação ou inação política) passa pela ideologia, ou melhor, é ela própria a ideologia.”²¹

Na formação de uma identidade histórica, então, a ideologia tem uma função primordial. Ela costura uma teia de significações sócio-históricas para o indivíduo (e, é claro, para a sociedade em geral) que possibilita que ele se intercale entre os numerosos fios que formam as espirais de realidade vívida. Pode-se, neste sentido, viajar de uma esfera a outra das camadas concêntricas da ideologia somente através de um esforço teórico. Contudo, o sujeito usualmente não quer fugir do conforto da rede simbólica; do processo que apesar de não corresponder à realidade, refere-se a ela. Onde se situa, assim, a realidade? Ela se esconde por trás desta representação imaginária, e é o trabalho de interpretação que a deve expor à luz.²²

Examinemos um exemplo concreto para comprovar melhor o trabalho da ideologia na formação da memória histórica. Para este fim, selecionamos a resenha de Andrés Bello sobre a *Historia de la Revolución de Colombia* da autoria de José Manuel Restrepo, na época secretário do interior na Colômbia. Bello começa recomendando o livro e elogiando os “talentos históricos” do autor, tal como: “La exactitud e individualidad de las noticias; la imparcialidad i juicio del historiador; el tono de la narrativa, que, animado i sencillo a um tiem-

¹⁹ ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 126.

²⁰ Veja: KAVANAGH, James H. Ideology. In: LENTRICCHIA, Frank e Thomas McLaughlin (eds.). *Critical terms for literary study*. Chicago: University of Chicago Press, 1990, p. 306-320.

²¹ Althusser, *Análise crítica...*, p. 206.

²² Althusser, *Aparelhos ideológicos...*, p. 126.

po, se deja leer convivo interes, la fidelidad com que en nuestro sentir se han retratado algunos de los mas señalados personajes de la revolución [...].”²³

O corpo da resenha consiste em uma transcrição de um capítulo do livro, o décimo-quinto, em que Restrepo narra a história da subjugação de Nova Granada e a subsequente restauração da ordem ibérica pelo odiado general espanhol Morillo. Andrés Bello nos informa que a causa principal desta restauração, segundo o historiador colombiano, é a falta de opinião pública e a confiança ingênua na promessa dos espanhóis de perdoar e esquecer. O país, então, corria o perigo de ter as suas correntes reatadas. Isto não aconteceu por causa das atrocidades cometidas por Morillo que “revolucionou” a Nova Granada. O resto do artigo é composto dos trechos do capítulo que, na sua maioria, descrevem detalhadamente as crueldades e a natureza desumana do General Morillo e de seus soldados.

Isto posto, onde ficaria a imparcialidade que Bello tanto louva no início do artigo? A história de Restrepo, ou pelo menos a parte transcrita, é extremamente inflamada e parcial. Dois exemplos bastam para entender o tom que domina o capítulo: “[para Morillo] nada le importaba que perecieran o quedaran sumidos en la miseria todos los moradores, com tal que ellos pudieran conseguir un grado mas en su carrera nuevos honores, aparentando méritos en la Corte,”²⁴ e “seis meses habia reinado Morillo en la Nueva Granada tan despóticamente como el sultan de Constantinopla”.²⁵

Andrés Bello termina a sua revisão crítica da obra assegurando aos seus leitores que os sentimentos patrióticos do Senhor Restrepo não alteraram ou prejudicaram a verdade. Que os eventos recontados podem ser verificados nos documentos e por testemunhas contemporâneas. E, além disso, que a severidade para com os inimigos é uma necessidade para desmistificá-los, para despojá-los de qualquer traço que pudesse soar suntuoso na imaginação popular. É este, em suma, o arquétipo de história que a América precisa? Uma que deixa bem claro quem são os inimigos e quem são os heróis (Morillo e seus soldados *versus* os patriotas assassinados por aqueles)? Parece que a

²³ *El Repertorio Americano*, tomo 1, p. 253.

²⁴ *Ibid.*, p. 253.

²⁵ *Ibid.*, p. 263.

história precisa ser manipulada devido ao excesso da imaginação popular. Uma imaginação que se deleita até com as audácias de uma figura tão horripilante quanto o General Morillo.

Andrés Bello reconhece o poder que a história possui na formação de um país. Ela serve de esteio para o presente; e já que a época contemporânea ainda está mergulhada no caótico clima político causado pelo vácuo do poder criado pela saída forçada dos espanhóis, o passado pelo menos tem que possuir uma coerência didaticamente simples e não polêmica. Por esse motivo, o passado para Andrés Bello é transparente. Os heróis são Colombo e Las Casas e os vilões Pizarro e Cortez; numa elipse de duzentos anos, os herdeiros “deste mundo glorioso de Colombo” são os patrióticos soldados e cidadãos que expulsaram os inimigos espanhóis.

Dessa forma, Andrés Bello vive a história ideologicamente. Isto não quer dizer que a consciência que ele tem do passado seja falsa, ilusória: é verdadeira, mas não real. Ou seja, o passado que está explícito nos períodos analisados é uma representação verdadeira de sua relação vivenciada com a realidade. Apesar de simbolicamente correta, sua história ideológica não tem nenhum compromisso para com a verdade. A sua lealdade é com as imagens e não com os objetos imaginados. Percebemos que a história vivida ideologicamente ajuda Andrés Bello a se reconhecer no labirinto dos problemas atuais que a sociedade pós-independente sofre: é ela (e não a verdade e razão dos enciclopedistas franceses) que ilumina o caminho em direção a um futuro mais próspero. Andrés Bello volta para trás para desencavar as imagens fossilizadas dos heróis mortos (os Incas, Colombo, Las Casas, etc.) e as manipula para construir a ponte entre o remoto e o recente passado. Desta maneira, a ausência dos séculos no meio deste período é quase despercebida.

A história do nosso venezuelano é uma história lúcida. E é por isso que em *El Repertorio Americano* ele inclui a transcrição de vários documentos originais sem comentário nenhum, posto que o documento em si é história. Não estamos sugerindo que os documentos já se transformaram em monumentos,²⁶ mas que a apresentação de fontes primárias como se fossem já a história indica que o trabalho da ideologia tem sido eficaz. Isto é, a ideologia vence quando a história as-

²⁶ Veja LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994, p. 535-553.

sume sem nenhuma crítica a imagem refletida nos documentos. Em outras palavras, “[...] uma ideologia só ‘nos pega’ para valer quando não sentimos nenhuma oposição entre ela e a realidade – isto é, quando a ideologia consegue determinar o modo de nossa experiência cotidiana da própria realidade”.²⁷ Através da história, então, a ideologia prepara a América para um futuro próspero e, enquanto isso, simultaneamente e imperceptivelmente sublima as contradições, os eventos históricos não codificados. E como Žizek nos lembra, estes materiais não simbolizados representam o real que escapou da realidade e que volta na forma de um espectro. Mas não há realidade sem estes espectros. A natureza desta realidade que, segundo Lacan, nunca é empírica; ela está sempre simbolizada (feito de símbolos), mas esta simbolização não alcança a sua meta de encapsular toda a realidade em um “mapa imaginário” e, “*esse real (a parte da realidade que permanece não simbolizada) retorna sob a forma de aparições espectrais*”.²⁸

Voltando ao problema de Andrés Bello, percebemos que, apesar de sugerir timidamente que o iluminismo do Novo Mundo não pode ser idêntico ao da Europa traça obstinadamente um caminho similar para este movimento. Talvez o problema resida no fato de os gênios americanos estarem adormecidos e de ser somente uma questão de acordá-los. Mas quem pode arrancá-los de sua profunda sonolência? Segundo Andrés Bello é a poesia que faria esta difícil tarefa histórica. Uma vez acordados, dariam início a um iluminismo no Novo Mundo.

É neste sentido que passaremos a examinar como a poesia ajuda a preencher as lacunas que a história deixa transparecer na elaboração de uma identidade americana. Acreditamos que a comparação das respostas que a história dá com as da poesia pode revelar melhor a maneira em que nosso intelectual reflete sobre os problemas históricos reais para identificar a distorção que se esconde nos interstícios entre a realidade simbolizada (a natureza luxuriante, os heróis, o ser americano, etc.) e os problemas objetivos que a história coloca à sociedade.

²⁷ ŽIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297-331.

²⁸ ŽIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ŽIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 26.

A poesia americana de Andrés Bello

Alguns críticos contemporâneos afirmam que com a publicação de sua *Alocución a la poesía* em 1823 Andrés Bello entrega a América Latina a sua independência intelectual.²⁹ Esta interpretação é baseada, em grande parte, em quatro linhas no início do poema em que o poeta convoca a divina poesia a voltar sua atenção para um outro mundo:

Tiempo es que dejes ya la culta Europa
Que tu nativa rustiques desama,
Y dirijas el vuelo donde te abre
El mundo de Colón sua grande escena.³⁰

São palavras majestosas. O seu tom implica um certo espírito orgulhosamente rebelde. A poesia regressará ao passado idílico e feliz anterior da chegada dos invasores europeus às inocentes terras americanas e com a sua melódica voz despertará os gênios adormecidos. Faz acreditar que a poesia pintará as belezas em vívidas cores e “comemorar as maravilhas do equador”. Que ela triunfará sobre o seu rival, a filosofia, que distorceu a fé em servitude e a liberdade em vão delírio.³¹

Os doces versos de Andrés Bello não conseguem carregar, no entanto, o peso do passado. Assim, ao invés de elevá-lo das ruínas e criar um templo de memória histórica, o poeta, como mostraremos, deixa o seu sonho de despertar os gênios americanos e se contenta em evocar a solitária calma do campo e o poder educativo da vida simples e virtuoso a do agricultor. Em outras palavras, Andrés Bello inverte o seu projeto histórico original e se contenta em forjar uma concepção do mundo que não corresponde à realidade, ou seja, que é imaginária.³²

Octavio Paz no lembra que, “El poema es mediación entre la sociedad y aquilo que la funda [...]”. El poema nos revela lo que somos

²⁹ PORTUENDO, José Antônio. Literatura e sociedade. In: MORENO, César Fernández (org.) *América Latina e sua literatura*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 413-414.

³⁰ Ver o seu poema “Alocución a la poesía”. In: *Biblioteca Americana*, tomo 1, p. 1-16.

³¹ *Ibid.*, p. 4.

³² ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos...*, p. 126.

y nos invita a ser eso que somos.”³³ Andrés Bello, adotando a forma de Homero e Camões (o poema épico), também pretendia mostrar ao americano a sua história singular, as particularidades da abundante natureza de seu território e o caráter de seus heróis, cujo amor pela pátria era maior do que o amor que os romanos nutriam por Roma. A decisão de representar toda a América em seu poema foi correta; como Alejo Carpentier nos lembra,

“[...] la historia de nuestra América haya de ser estudiada como una gran unidad, como la de un conjunto de células inseparables unas de otras, para acabar de entender realmente lo que somos, quiénes somos, y qué papel es el que habremos de desempeñar en la realidad que nos circunda y da un sentido a nuestros destinos.”³⁴

O americano certamente se reconhecia nos poemas de Bello e se sentia orgulhoso de poder viver em um lugar tão abençoado pela natureza que deu nascimento a um povo tão admiravelmente heróico. Neste sentido, podemos admitir que o poeta realiza bem esta tarefa de representar o sentimento ufanista do americano.

No entanto, subjacente a esta idéia de uma invejável natureza, percebemos que há uma “problemática” que se esconde nos interstícios do texto; problemática esta que acaba prejudicando o projeto original do poeta a tal ponto que Andrés Bello não consegue realizar o seu desejo de compor um poema único chamado “América”. É por esse motivo que na publicação de “Silvas americanas” (que originalmente seria a segunda parte de “Alocución a la poesía”), ele avisa a seus leitores que: “A estas silvas pertenecen los fragmentos impresos en la Biblioteca Americana bajo el título ‘America’. El autor pensó refundirlas todas en un solo poema: convencido de la imposibilidad, las publicará bajo su forma primitiva [...]”³⁵

Os poemas “americanos” são, em essência, a sua resposta parcial a um dos problemas cruciais para os recém-libertados Estados americanos: como fundar uma identidade sociocultural historicamente verdadeira. Não obstante, como nós já indicamos, para decifrar a infraestrutura invisível, mas fortemente constitutiva do poema, é necessá-

³³ PAZ, Octavio. *La casa de la presencia: poesía e historia*. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 67.

³⁴ Citado em: PIZARRO, Ana. *As ostras...*, p. 109.

³⁵ *Repertorio Americano*, tomo 1, p. 7.

rio analisar as questões que Andrés Bello formula e não a sua resposta; ou seja revelar o seu método de técnica interrogatória em que as questões reinam sobre as respostas, dado que aqueles já contêm a resposta “correta” ou desejada pelo interrogador. Em seguida, será possível revelar a questão central – a questão das questões – ou seja, a problemática que fornece a unidade e coerência ao poema, ainda que ela própria seja inconsciente e, por esse motivo, normalmente despercebida.

Começemos com a questão central: o que para Andrés Bello significaria ser americano? Nos primeiros fragmentos do poema “Alocución a la poesia” a “divina poesia” é invocada, repetidas vezes, para cantar o valor do povo e a beleza da paisagem (“Diosa de la memoria / himnos te pide”; “ve, pues, ve a celebrar las maravillas del Ecuador”; “No te detenga, oh Diosa”).³⁶ A liberdade espera o poder e o exemplo da musa, pois é unicamente a poesia que vê tudo, que possui as asas para viajar pelo tempo histórico. As gerações sepultadas e mudas esperam a sua chegada; ela lhes emprestará a sua voz melódica para cantar as doces memórias dos dias remotos de inocência e abundância do tempo antes da chegada dos navios estrangeiros; antes da enxada violar o solo com seu ferro atroz. Andrés Bello implora que a poesia pinte a natureza idílica do passado em que somente os animais manchavam o solo com sangue (“donde antes solo / Por el furor se vió de la pantera / O del caiman el suelo sangre tinto”); ele pede que a poesia erga um templo de memória e orne com os heróis “que mas se han distinguido en la guerra de la independencia”.³⁷ Em suma, a poesia precisa emprestar os seus hinos hoje e um dia serão os heróis americanos quem cantarão e um gênio que despertará; com a potência da musa, a América nascerá de novo:

Renacerás, renacerás aora:
Florecerán la paz i la abundancia
En tus talados campos: las divinas
Musas te harán favorecida estancia,
I cubrirán de rosas tus ruinas.³⁸

A “Alocución a la poesia” parece realmente inaugurar uma nova etapa na vida intelectual do Novo Mundo. Ela dá coesão às nações

³⁶ *Biblioteca Americana*, tomo 1, p. 12.

³⁷ *Biblioteca Americana*, tomo 2, p. 1.

³⁸ *Biblioteca Americana*, tomo 1, p. 16.

americanas quando, na verdade, a sua principal característica é a heterogeneidade;³⁹ ela volta ao passado para buscar os mitos e os heróis e os apresenta como americanos – e não como mexicanos, peruanos, etc. Desta forma, os cidadãos dos diversos Estados se sentem reunidos pelos mesmos mitos, pelo mesmo lugar (a América abaixo do Equador) e pela mesma história.

Andrés Bello está, assim, lhes devolvendo a identidade original que os espanhóis brutalmente usurparam. O problema desta interpretação é que negligencia a presença onipotente da ideologia atuante no poema. Uma leitura superficial da camada manifesta do poema parece nos indicar que o autor está desafiando a cultura predominante – a européia – chegando até a sugerir que ela é sinônimo de corrupção. Mas na profundezas do poema há outra batalha que desmonta a primeira: o poema desafia, mas simultaneamente impõe a sua desejada visão do mundo. Dissemos desejada porque, como foi dito anteriormente, a América e os americanos que o poeta descreve não têm existência real. Por que, então, parecem tão verdadeiros no seu poema? A resposta estaria no componente ideológico. Como Althusser nos indicou: “[...] no mundo teatral ou mais geralmente estético, a ideologia não cessa nunca, por essência, de ser o lugar de uma contestação ou de um combate onde repercutem surdamente ou brutalmente o ruído e as atribulações das lutas políticas e sociais da humanidade”.⁴⁰ Os objetos não são reais porque a ideologia os manipula para poder transformar a consciência de seus leitores, para que eles consigam se reconhecer nas imagens de seus versos.

A poesia, diferentemente da história (como já vimos), emprega “ornamentos” na elaboração de sua versão dos eventos. A nosso ver, tanto o poema quanto a história podem ser poderosos instrumentos na delimitação de uma história oficial, “verdadeira”. A história e a ficção, como salienta Bello Josef, “partem de um mesmo tronco, são ramos da mesma árvore e unem-se ao mito”.⁴¹ Vejamos o caso da tomada de Cartagena. Na história de Restrepo, que Andrés Bello recomenda, os fétidos corpos mortos dos americanos dominam a cena. As palavras

³⁹ Permita-me remeter a meu artigo: O interrogador das sombras: José da Natividade e a interpretação poética do passado. *Quinto Império*, v. 1, n. 9, 2º semestre 1998, p. 141-161.

⁴⁰ ALTHUSSER, L. *Análise crítica...*, p. 131-132.

⁴¹ Veja o seu artigo: Literatura e história: um diálogo de textos. *América Hispânica*, ano 3, n. 3 (jan./jun. 1990), Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, p. 34.

do autor se alimentam do sangue derramado dos cidadãos. A *Historia da Colombia* é, esteticamente falando, grotesca mas, segundo Andrés Bello, necessária: “Pero la jenorisidade com los enemigos es menos rara en los historiadores que la severidade crítica, necesaria para despojar ciertos hechos de los ornamentos com que sulen hermosearlos la imaginacion i la parcial credulidad del pueblo, cuando se trata do los vindicadores o mártires de su libertad”.⁴²

A versão poética deste mesmo evento não difere muito da histórica. Ambos estão povoadas de “infectos cadáveres”. Andrés Bello, no entanto, define uma tarefa diferente para a poesia:

Pintarás el horror, tú que a las sombras
Belleza das, i al cuadro de la muerte
Sabes encadenar la mente absorta.
Tú pintarás al vencedor furioso
Que ni al anciano trémulo perdona,
Ni a la inocente edad, i en el regazo
De la insultada madre al hijo inmolá⁴³

A linguagem e a forma (verso ou prosa) não mudam, neste caso, os “fatos” do evento. Andrés Bello baseia a sua versão poética do evento na história de Restrepo. Isto é, tanto a história quanto a poesia, pelo trabalho da ideologia, escondem de seus leitores a natureza conflituosa e polêmica das guerras de independência. Um cuidadoso estudo histórico não-ideológico (científico) revelará as contradições endêmicas e aparentemente inexplicáveis: membros de famílias lutando uns contra os outros, a traição – de ambos os lados –, a vacilação e timidez da maioria no que diz respeito à defesa da pátria.

Acreditamos que a problemática do poeta venezuelano que precisa ser revelada – a questão das questões que direciona todas as suas respostas – é o sentimento de inferioridade que subjaz e distorce todos os seus discursos. Examinemos a segunda parte do poema, “Silvas americanas”, para indicar melhor como este sentimento inconscientemente obstrui a realização completa de seu projeto.

Relembremos ao leitor que em “Alocución a la poesia” o poeta invoca a divina poesia para despertar os gênios; um dia os heróis poderão bater em “sua porta” e cantar para eles mesmos. Em “Silvas Americanas” notamos uma brusca mudança: ao invés de os humanos

⁴² *Repertorio Americano*, tomo 1, p. 273.

⁴³ *Biblioteca Americana*, tomo 1, p. 13-14.

educarem a população, são as plantas que farão esta tarefa. Agora a batata “educa”, a palmeira “cria” e o algodão desdobra e desenvolve [despliega]. Em suma, a natureza servirá como exemplo para a população.⁴⁴ O campo é a sua herança e a sua solitária calma o melhor mestre da vida.

Aqui percebemos que o sonho anterior de trazer as artes e as ciências para o Novo Mundo parece ter sido abandonado. Analisemos um trecho do poema em que Andrés Bello elogia a banana. Ele escreve:

I para tí el banana
 Desmaya el peso de su dulce carga;
 El banana, primero
 De cuantos concedió bellos presentes
 Providencia a las jentes
 Del equador feliz com mano larga.
 No ya de humanas artes obligado
 El premio rinde opimo:
 No es a la podadera, no al arado
 Deudor de su racimo:
 Escasa industria bástalle; cual puede
 Hurtar a sus fatigas mano esclava;
 Crece veloz, i cuando exausto acaba,
 Adulta prole en torno le sucede.⁴⁵

O Novo Mundo parece, assim, não mais necessitar de tecnologia. É interessante lembrar, como já foi mencionado, que o poeta define este segundo período como “mais americano e menos científico.” Tal como a banana que não depende das artes humanas para seu crescimento sadio, nem da enxada para seu cultivo, o americano também poderá se erguer e crescer feliz e próspero, se honrar o campo e a vida simples e frugal do agricultor que:

Así tendrán en vos perpetuamente
 La libertad morada⁴⁶

Por que Andrés Bello mudou tanto de perspectiva? O poeta que parecia tão entusiasmado com a possibilidade de fazer progresso no

⁴⁴ Gordon Brotherston escreve: “[...] plants themselves become the kind of mentor Bello profoundly wished to be”. In: *Latin american poetry: origins and presence*. London: Cambridge University Press, 1975, p. 35.

⁴⁵ *El Repertorio Americano*, tomo 1, p. 9.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 18.

Novo Mundo baseado nas artes e nas ciências dos intelectuais ingleses e franceses, optou, em fim, por um “valor latino”. O seu sonho lhe escapou? Andrés Bello se contenta agora com a simples vida rural, ao invés da entusiasmada agitação intelectual característica de cidades como Londres (onde, lembremo-nos, ele reside) e Paris. Apesar de sua admiração pelo comércio inglês e pelo seu poder de fazer crescer e progredir a nação, ele sugere, agora, um rumo diferente (e inferior?) para o “povo agricultor do equador”.

Julgamos impossível determinar a causa de seu fracasso analisando apenas o poema. Tem-se que reinserir o texto poético em seu contexto histórico e no campo ideológico vigentes. Já vimos quais são os problemas históricos reais que têm que ser solucionados; mas a história não explica inteiramente. E o campo ideológico? Em sua representação do ser americano há uma leve tensão que, às vezes, faz vibrar a bela imagem que o intelectual reflete. Embora Andrés Bello não se refira diretamente ao problema, sentimos a sua presença latente. Podemos ler nas entrelinhas, a inferioridade ou, melhor, um esforço para negar e superar o complexo que o intelectual americano inevitavelmente sente por conta da polêmica causada, no fim do século XVIII, por autores como Buffon, De Pauw, Robertson, Raynal.⁴⁷

Este debate, na verdade, não era novo: ele tinha começado imediatamente depois do primeiro contato entre os europeus e os nativos. Como Leopoldo Zea assinala, desde o início, o americano tinha que provar sua humanidade.⁴⁸ E embora a questão tivesse um teor religioso (como ilustrado no famoso debate entre Las Casas e Sepúlveda), continha um elemento pragmático que a ideologia político-religiosa tentou não deixar transparecer: o lado econômico da espiritualização dos nativos. Até mesmo Las Casas, o defensor dos índios, recomendou que estes não fossem escravizados (tal como Colombo havia procedido), pois poderiam servir de ótimos vassallos para o rei espanhol. Por trás dessa aparente defesa dos índios como seres humanos escondia-se uma mentalidade colonizadora. E não é diferente no caso da polêmica sobre a suposta inferioridade da natureza americana e a degeneração de seus homens. Só que desta vez não é a colonização ver-

⁴⁷ Para mais informações sobre a polêmica ver: ARREGUI, Federico Álvarez. El debate del Nuevo Mundo. In: PIZARRO, A. *Emanipação...*, p. 33-66.

⁴⁸ ZEA, Leopoldo. *A filosofia americana como filosofia*. Trad. Werner Altmann. São Paulo: Pensieri, 1993, p. 20-26.

sus escravidão que está em debate, mas o controle econômico dos mercados, ou seja o neocolonialismo.

Voltando ao nosso intelectual venezuelano, percebemos que ele acaba incorporando o olhar do *outro* (europeu), um olhar “de cima”, característico dos viajantes europeus.⁴⁹ A inferioridade estrutura toda a sua construção da realidade, determina a maneira em que o intelectual reflete os objetos e soluciona os seus problemas. Andrés Bello não consegue terminar o seu poema americano porque ele nega o *Outro* dentro dele (que é ele mesmo). Por esse motivo afirmamos que de lutador ideológico pela supremacia Andrés Bello se transforma em agente de submissão à ideologia dominante: o neocolonialismo. E talvez seja esta a razão pela qual Andrés Bello desloca a sua atenção dos homens para as plantas. Seguindo esse raciocínio, quem devolveria – no futuro – a erudição que o Novo Mundo toma de empréstimo à Europa?

Conclusão

Neste ensaio tentamos dar uma pequena contribuição ao estudo de Andrés Bello e ao seu sonho de iluminar o Novo Mundo, garantindo-lhe o espaço merecido na cultura ocidental. Tentamos repensar seu amor pela pátria que, para nós, foi uma forma que o poeta encontrou de buscar soluções para seus problemas históricos reais: o atraso cultural, a economia frágil e a ausência de um sistema político democrático. Procuramos examinar, não o iluminismo europeu, mas a maneira como Andrés Bello o refletiu, as questões que ele colocou e a problemática embutida, mas onipresente, que distorceu, não somente as suas respostas mas as suas próprias questões. Em outras palavras, podemos afirmar que a natureza circular e fechada de seu método de técnica interrogatória impediu o seu próprio avanço.

Vimos também como a ideologia (no sentido althusseriano) penetrou nos profundos recessos de sua mente (sem Andrés Bello ter-se dado conta disso) e fez com que a realidade que ele descreve seja verdadeira mas não real. As suas opiniões, idéias e imagens poéticas nos indicam a sua relação vivenciada com o real, o seu sistema de representações imaginárias que ajuda a subjetivá-lo. A função da ideologia

⁴⁹ Tirei esta expressão de: PIERINI, Margarita. La mirada y el discurso: la literatura de viajes. In: PIZARRO, A. *Emancipação...*, p. 163.

é exatamente esta: de formar sujeitos, de lhes permitir seu reconhecimento na construção da realidade à sua volta. A estrutura especular da ideologia ajuda, pois, o homem a viver. É neste sentido que se pode alegar que o trabalho da ideologia é análogo ao do homem no poema de Baudelaire; um sujeito que fabrica histórias da vida das pessoas atrás de uma janela fechada e que se ofende ao ser perguntado:

“Es-tu sûr que cette légende soit la vraie?” Qu’importe ce que peut être la réalité placée hors de moi, si elle m’a aidé à vivre, à sentir que je suis e ce que je suis?

[“Estas certo de que essa história seja a verdadeira?” Que importa o que venha a ser a realidade colocada fora de mim, se ela me ajudou a viver, a sentir que sou e o que sou]⁵⁰

Esperamos, ainda, ter demonstrado como o método analítico histórico, que busca apoio na literatura, ajuda a desmascarar a ideologia, revelando-nos a natureza da eterna busca do “sou” e o “que sou”. Necessitamos, porém, entender melhor a natureza incompleta da simbolização da realidade para tentar neutralizar a aparição espectral do real (não simbolizado) que sempre volta no mesmo lugar e sob a mesma forma. Os espectros da época de Andrés Bello são os mesmos de hoje: o atraso, a inferioridade, o subdesenvolvimento, a dependência, etc. E mesmo que o problema tenha mudado de nome, o seu efeito é o mesmo. Como, é, então, que se pode confrontá-los? Como já foi dito, acreditamos que o erro de Andrés Bello foi o de ter adotado o olhar do alto (típico de um viajante estrangeiro), quando talvez deveria ter aceito a mão estendida do Outro (essa pessoa estranha, que é ele mesmo: o ser americano) para descer a encosta⁵¹ e viver a sua história mais de perto. O que a América Latina recém independente estava precisando, talvez fosse um tipo de intelectual como o historiador que é descrito por Jorge Luis Borges no seu conto “Guayaquil”,⁵² um historiador que vive a história, que a sente pulsar no seu sangue. Este protótipo de homem não somente se reconhece na transparência de seus mitos históricos familiares mas melhor se conhece.

⁵⁰ Para a versão completa em português, ver: BAUDELAIRE, Charles. Poesia e prosa. Edição organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995, p. 324-325.

⁵¹ Esta idéia foi inspirada no poema “No alto” de Machado Assis.

⁵² BORGES, Jorge Luis. *El informe de Brodie*. Buenos Aires: Emecé, 1970, p. 113-129.